

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

SCARLET CHRISTINE LOPES

**OS UNIFORMES DA ESCOLA SANTOS DUMONT
(PAIÇANDU, PR): MEMÓRIA E CULTURA ESCOLAR**

MARINGÁ

2014

SCARLET CHRISTINE LOPES

**OS UNIFORMES DA ESCOLA SANTOS DUMONT
(PAIÇANDU, PR): MEMÓRIA E CULTURA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia, da
Univesidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial obtenção ao grau de
licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivana Guilherme
Símili.

MARINGÁ

2014

**OS UNIFORMES DA ESCOLA SANTOS DUMONT (PAIÇANDU, PR):
MEMÓRIA E CULTURA ESCOLAR**

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

ACADÊMICA: SCARLET CHRISTINE LOPES

DATA DA DEFESA: ____/____/____

Trabalho apresentado nesta data ao Curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, examinado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Prof.^a Dr.^a. Ivana Guilherme Simili (Orientadora) – UEM

Prof.^a Dr.^a. Ivana Veraldo – UEM

Especialista João Batista da Silva - UEM

Aos meus pais Sídney e Marlene, pelos ensinamentos, amor e dedicação...

Ao meu irmão Jhonatan, pelos conselhos e incentivo...

As minhas amigas Ândrea e Ana Paula que sempre estiveram ao meu lado durante a caminhada...

À querida professora Ivana Simili, pela confiança, carinho e empenho...

Ao meu grande amigo e namorado, Omir, pelo seu amor e cumplicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concebeu a vida e força para passar por todos os momentos, e que nunca me deixou abater pelos desafios.

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, mesmo quando não merecia.

Às minhas colegas de turma Janaina da Cruz Martins Lizze, Keila Faustino, Márcia de Oliveira Barbosa, Thálita Marchi Pereira e Taynara Santana Facina pelos momentos que passamos juntas durante esses quatro anos de graduação e pela amizade.

Ao meu namorado Omir Rafael da Silva Fuzari pelo companheirismo e compreensão neste momento tão importante de minha vida.

À professora Ivana Guilherme Simili, pelas conversas e conselhos.

Aos professores do curso de Pedagogia, que foram fundamentais para minha formação acadêmica.

RESUMO

A monografia refere-se ao estudo histórico sobre os uniformes, sob o foco da memória e da cultura escolar. Consideramos que os uniformes, como roupas da escola, constituem-se em artefatos de comunicação sobre o cotidiano dos/as estudantes, tanto das escolas públicas quanto das particulares. Neste trabalho produzimos a história dos uniformes da Escola Municipal Santos Dumont (PR), por meio das fotografias do acervo da instituição escolar. Trata-se de pesquisa iconográfica e bibliográfica sobre uniformes e educação. Por meio das imagens mostramos que as vestimentas comunicam as lembranças das vivências e experiências dos/as alunos/as nos espaços escolares. A roupa como memória da cultura escolar é o fio condutor da análise das imagens. Assim, a investigação contribuiu com conhecimentos sobre os papéis das roupas nos fazeres e ambiências da educação.

Palavras-chave: Escola. Uniforme escolar. Fotografias.

ABSTRACT

This paper concerns the historical study about the uniforms, regarding the memory and the scholar culture. The uniforms were considered as clothes from the school, constituting as communication artifacts about the daily routine of the students, in the public schools as well as in private ones. In this paper we produced the history of the uniforms from a local town school - Escola Municipal Santos Dumont (state of Parana, south of Brazil), through the use from pictures collected from the school institution photo album. Therefore it is an iconographic and bibliographic research about uniforms and education. Through the images it is shown that the garments communicate the remembrance of the experiences of the students in the school space. The clothing as a scholar cultural memory is the conducting tread of the images analysis. Thus, the investigation contributed to the knowledge about the roles of the clothing in the doings and ambiences of education.

Key-word: School. School uniform. Photography.

LISTAS DE IMAGENS

FIGURA 1: Foto tradicional escolar posada.....	33
FIGURA 2: Crianças no pátio.....	35
FIGURA 3: Crianças na quadra.....	36
FIGURA 4: Desfile da cidade.....	37
FIGURA 5: Foto da turma.....	39
FIGURA 6: Festa da escola.....	40
FIGURA 7: Professores.....	41
FIGURA 8: Foto da turma.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO I UNIFORMES: UMA HISTÓRIA ESCOLAR A CONTAR.....	13
3. CAPÍTULO II UNIFORMES, IMAGENS E MEMÓRIA	20
4. CAPÍTULO III AS ROUPAS NO COTIDIANO ESCOLAR:.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

*Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver*

*Toda pedra do caminho
Você deve retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver*

1. INTRODUÇÃO

A roupa da escola é o uniforme escolar. Uma das possibilidades de estudo sobre os uniformes do presente e do passado é por meio de imagens das roupas usadas pelas crianças nas escolas brasileiras. A pesquisa apresentada nesta monografia diz respeito à memória e à cultura escolar por meio das roupas. Trata-se de escrita iconográfica sobre a história dos usos das vestimentas pelas crianças na/da Escola Municipal Santos Dumont, de Paiçandu (PR).

De acordo com Berino (2012), a cultura escolar é composta por uma extensa rede de significados, que expressam os sentidos atribuídos àquele lugar pelas pessoas – alunos/as, professores/as, administradores/as. O ato dos/as alunos/as de escrever em mesas, em cadeiras e em paredes consiste em registros visuais que podem ser constituídos em fontes para o estudo da cultura escolar.

Os uniformes usados na escola são elementos da cultura escolar, visto que se referem aos modos de viver, agir e atuar dos/as alunos/as nos espaços escolares. Por isso, por intermédio das imagens dos alunos e das alunas com suas roupas, é possível conhecer e narrar a história da escola, com as vivências e as experiências dele/as como pertencentes a uma instituição de ensino. Na escrita da história de uma escola está gravada também, a história de vida dos alunos/as como crianças.

As imagens dos alunos e das alunas com os uniformes possibilitam conhecer e narrar a história vivida por eles no espaço escolar. Elas contribuem para criar no presente a paisagem escolar do passado, demonstrando as vivências que foram constituídas no cotidiano partilhado. Posto isso, recorrendo às imagens de crianças e adolescentes da escola Municipal Santos Dumont (PR) com suas roupas escolares, escrevemos a história de uma instituição escolar no Brasil.

A Escola Municipal Santos Dumont (PR) está localizada no Distrito de Água Boa no município de Paiçandu, estado do Paraná. “O município de Paiçandu está localizado na região noroeste do estado do Paraná, na rodovia PR-323 no eixo Maringá-Cianorte. Segundo dados do Censo Demográfico do IBGE, a população é de 38.936 habitantes, sua área territorial é de 171,379 Km incluindo o Distrito de Água Boa.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PAIÇANDU, 2014).

A escola foi fundada em 1971, seu patrono é Alberto Santos Dumont, por isso recebeu este nome: grupo Escolar Alberto Santos Dumont. Em 1982, foi denominada Escola Santos Dumont – Ensino de 1º Grau. No ano de 1983, o estabelecimento foi nomeado de Escola Municipal Santos Dumont – 1º Grau. No entanto, só no ano de 2000, a instituição passa a ser titulada de Escola Municipal Santos Dumont – Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A instituição está localizada no centro do distrito, de acordo com o PPP da escola (2014), o atendimento é proporcionado para uma população do distrito de 1.200 habitantes, sendo parte desses relativos à zona rural. Segundo esse documento sua clientela é composta por alunos pertencentes às famílias de boias-frias, agricultores, domésticas e funcionários públicos. Verifica-se que a renda da maioria das famílias é baixa, sendo que muitos não têm renda fixa.

“A fotografia institucional é uma forma de preservar a Memória daquela instituição que a produzir.” (MARTIARENA; OLIVEIRA, 2011, p.8). Desse modo, há uma relação entre as imagens e a memória que são preservadas nas lembranças pelo estabelecimento e eternizadas como recordações da instituição escolar.

Por meio das imagens podemos observar que, consoante Berino (2012), os deslocamentos, as expectativas, os projetos e as esperanças construídas por uma imagem do presente será alcançada pela posteridade. Logo, as fotografias do cotidiano escolar são narrativas da história da escola, na perspectiva das crianças do passado, com os sonhos e desejos acalentados sobre/para o futuro. Nelas, as roupas contribuem para caracterizar e fabricar representações para as crianças como estudantes, fixando na memória o tempo da escola, fazendo lembrar no presente, os sonhos e as expectativas que, no passado eram depositados no futuro.

Identificar os usos e as apropriações das roupas pelas crianças na produção de memória e na escrita da história da Escola Municipal Santos Dumont (PR) é objetivo deste trabalho. Para desenvolvê-lo, organizamos os resultados do estudo da seguinte maneira, na primeira parte vamos abordar “Uniformes: uma história escolar a contar”, para melhor entender seu processo histórico. Na segunda “Uniforme, imagens e memória”, focalizando a memória que é produzida por meio dessas imagens escolares. E por último, na terceira parte “As roupas no cotidiano escolar”, sendo apresentadas tabelas que constam informações sobre os tipos de fotografias e a quantidade coletada, posteriormente mostrando as imagens escolhidas para a análise.

2. UNIFORMES: UMA HISTÓRIA ESCOLAR A CONTAR

A compreensão dos uniformes no cotidiano e na cultura escolar exige que façamos um estudo sobre a história dos uniformes. Como mostraram Schemes e Thor (2007), os uniformes foram instituídos nas escolas pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1850, e assemelhava-se ao fardamento militar. Com isso, usava-se o uniforme como um modo de padronizar a roupa dos alunos. O mesmo era utilizado para identificá-los, como uma maneira de garantir disciplina e segurança, mas também para que todos fossem tratados de forma igualitária.

Para Silva (2006), manter todos os membros da instituição vestidos de uma forma padrão, mas segregando, uniformizando cada segmento da hierarquia interna era uma forma de evidenciar e reforçar as diferenças sociais. Para essa autora:

Os uniformes escolares fazem parte de toda uma simbologia que permeia as instituições educativas e postula valores, normas e intenções que impregnam a relação pedagógica sem que, para isso, seja necessário o discurso verbal. (SILVA, 2006, p. 59).

Sendo assim, os uniformes não precisam ter uma norma propriamente dita, pois por trás dele já possuem vários artefatos que são empregados em relação ao seu uso. No entanto, ele surgiu para:

[...] minimizar as diferenças e para auxiliar a disciplinar os alunos. Esses trajes fazem parte de uma estrutura burocrática que está acima dos desejos de cada um. Dentro da escola, o conceito de normalidade é atribuído a todos que estão uniformemente trajados. (SILVA, 2006, p.71).

Com isso, com a fundação da escola para moças, em 1885, na cidade de Novo Hamburgo, foi criada para que elas tivessem uma formação mais apropriada, sendo formadas em Pedagogia e criada na Fundação Evangélica, onde aprimoravam não apenas a educação, mas também adquiriam os conhecimentos primordiais para serem boas esposas.

Nesse momento até os ano de 1915, as alunas eram quem confeccionavam seus próprios uniformes, bem como suas roupas nas aulas de costura. Schemes e Thor (2007) ressaltam a importância da moda nesse contexto, para essas autoras:

Usando figurinos que demonstravam conhecimento das tendências da moda principalmente os trajes criados pelo estilista francês Paul Poiret, o grande da indumentária feminina e responsável pelo fim do espartilho. (SCHEMES; THOR, 2007, p.2)

No Brasil, de acordo com Lonza (2005), com o gradativo crescimento do número de escolas houve a necessidade de caracterizar os alunos de cada instituição de ensino, por intermédio dos uniformes. “A tradição, o método e as características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas”. (LONZA, 2005, p.21). Assim, ao realizar a matrícula, a escola era responsável pelo aluno e, o uso do uniforme significava uma segurança fora da escola; e o mesmo devia honra ao nome, suas cores, a tradição e seu símbolo onde quer que estivessem.

A disciplina, era outra das atribuições inerentes ao uso do uniforme, pois era “condição *sine que non* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumasse desde logo a obedecer às regras de convívio na sociedade. (SCHEMES; THOR, 2007, p.3)

Todavia, eram os professores que realizavam a fiscalização todos os dias e, na falta de algum item o aluno deveria voltar para casa ou ir ao dormitório se trocar. “Só era permitida a sua entrada com a vestimenta completa, ou, então, acompanhada pela mãe ou pelo pai para as devidas explicações” (SCHEMES; THOR, 2007, p.3).

As alunas da Fundação Evangélica usavam saia azul pregueada, blusa branca com gola de marinheiro, sapatos e meias. Ainda evidenciando a simbologia do uniforme, Schemes e Thor (2007) abordam:

O uniforme passou a ser símbolo da escola. Era usado em todos os dias, mas, principalmente, quando em saídas das alunas, para demonstrar o apreço e dizer onde estudava, honrando assim sua escola. (SCHEMES; THOR, 2007, p.4)

Eram nas aulas de costura que as mães e professoras traziam figurinos da modelagem da Europa, que constavam em revistas e eram inseridos em seus moldes. De acordo com Schemes e Thor (2007), as meninas sempre viviam bem vestidas, e suas maneiras de se apresentarem demonstravam seu nível social, como também seu poder aquisitivo, tornando-se símbolo de status.

Na Segunda Guerra Mundial, a participação feminina se deu por meio da enfermagem, sendo uma medida tomada pelo governo Vargas, quando o país ingressou no conflito mundial a partir de agosto de 1942. Com isso, o governo teve que adotar algumas medidas emergenciais para ofertar os cursos preparatórios para a formação das enfermeiras.

O ingresso da mulher na guerra fez compor um guarda-roupa, formado por diversos estilos e tipos de uniformes. De acordo com Simili et. al, (2010), no adestramento e na modelagem das mulheres em enfermeiras, os trajes usados, os uniformes tendem a evidenciar as características mais atraentes do corpo, que são eleitas segundo valores estéticos compartilhados por um certo grupo social ou época.

Com isso, na Era Vargas (1930-1945) há mais importância no patriotismo ao uniforme. Por haver mudanças na disciplina de ginástica e nas atividades esportivas, surgiu o calção preto em tricoline, mas só aconteceram maiores modificações com o advento da Segunda Guerra Mundial, quando os uniformes foram inspirados no militarismo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e com o início do Regime Militar (1964), houve diversas campanhas para a melhoria e ampliação do atendimento escolar. Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi promulgada, e conseqüentemente ocorreram diversos movimentos de educação popular. De acordo com Silva (2006), esta lei garantiu que a educação fosse um direito para todos, bem como suas garantias, como o fornecimento de alimentação, material escolar e vestuário para aqueles que provaram a falta

ou a insuficiência de recursos. Dessa forma, as escolas públicas eram frequentadas por alunos não que tinham condições, e todos esses fatores que eram garantidos perante a lei contribuía para que permanecessem os alunos mais pobres.

Na metade da década de 1950, a história do uniforme foi marcada pelo surgimento do rock. Os jovens inspiravam sua moda nesse estilo, usando suéteres, sapatilhas, saias rodadas e também camisetas, essas sendo usadas por baixo da camisa. Neste mesmo momento, sob a influência do rock, houve a imposição do jeans, sendo usado como uma peça do cotidiano escolar, causando várias discussões, visto que as lavagens diferenciadas contribuía para a não uniformização dos alunos. Os jovens não queriam mais se vestir como seus pais, pois queriam ter sua própria moda. Ainda nesse período, surgiu a minissaia, a miniblusa, a minicalção, o biquíni, a meia-calça, a boca de sino e a moda de cabelos longos para os homens, demonstrando um momento de renovação absoluta.

O balanço de Lonza é esclarecedor (2005):

O *Rock* muda tudo. O mundo estava em constante mudança, era uma metamorfose ambulante. Enquanto nos Estados Unidos, os *beatniks* misturavam poesia, *be pop* e cruzavam o território para tentar responder a velhas angústias existenciais, na segunda metade da década de 50, surgiu o com que iria revolucionar a música e os costumes do mundo: o *rock'n in roll*. Os jovens ostentando blusões de couro negro e calças bem justinhas imitavam os tiques enfatiados de Marlon Brando e James Dean. O *rock* foi a música que instigou a juventude a procurar sua própria moda. Nessa época, os uniformes tiveram um papel especial. O estilo de roupa que se usava para ir ao colégio – chamada moda colegial – inspirou a moda jovem. Eram as saias rodadas combinadas com blusas mais simples, sapatos baixos e suéter para meninas e jaquetas e suéteres para os meninos. As camisetas, usadas por baixo da camisa ou nas aulas de Educação Física, tornando-se peças indispensáveis no vestuário jovem masculino. O *jeans* chegou para ficar definitivamente, no uso diário e nos uniformes, embora tenha gerado muita controvérsia – era ideal para os meninos e problema para o pessoal da escola, já que, em diferentes estágios de descoramento, os alunos nunca ficavam uniformes. (LONZA, 2005, p. 160).

Todavia, os modelos de uniformes a serem usados eram função das escolas estaduais, as mesmas tinham um regimento que levavam em conta o clima e a economia. O uniforme tinha como base o traje de marinheiro, sendo o mais comum entre os estudantes.

“Nos anos 50, foi comum observar, mediante as fotografias encontradas na Revista do Professor (RP), meninos e meninas, nos jardins de infância, vestidos com um traje tipo marinheiro, que fazia uso das cores azul marinho e branco” (SILVA, 2006, p.86).

Silva (2006) apresentou quais eram as normas regulamentares quanto aos modelos e as cores dos uniformes escolares:

[...] o **Regimento Interno dos Estabelecimentos de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo** (Ato nº21 da Direção Geral de Secretaria dos Negócios da Educação de 10 março de 1949) definiu que era dever do aluno apresentar-se decentemente trajado e com asseio e usar, quando adotados, os uniformes para as aulas comuns e para as aulas de educação física, e estabeleceu que os modelos adotados para a seção feminina consistiam em blusa branca e saia azul marinho, confeccionados em tecido segundo modelos escolhidos por uma comissão nomeada pelo diretor e da qual participavam representantes do corpo docente. Para a seção masculina dos cursos ginasiais, os uniformes deveriam consistir em camisa e bermuda ou calça confeccionados com brim cáqui, segundo modelo escolhido da mesma forma que o anterior. (SILVA, 2006, p.85).

No final dos anos 1950, houve uma substituição do tradicional sapato preto pelo tênis “Conga”, que era confeccionado com lona, cujo solado era fino e sua qualidade era relativa aos seus materiais. Tornou-se popular, pois seu preço era mais acessível do que o calçado de couro.

Em 1960, com a implantação do Curso Normal, houve a diferenciação do uniforme para esta área. De acordo com Schemes e Thor (2007), o uniforme consistia em uma saia, com quatro pregas macho e fêmea, sendo duas atrás e duas na frente, feita de tecido moderno, o tergal. Já a blusa, era tipo camisa, de tecido “volta ao Mundo” que era a última moda na Europa, sendo um tecido que não amassava. Os sapatos continuavam estilo colegial, pretos, sem nenhum salto e as meias eram de seda. Em caso de dias frios, usavam um pullover verde claro, com decote V, uma fina listra branca nos punhos e na barra.

Entre os anos 1960 e 1970, o Brasil passa por um período de ditadura militar e falta de democracia, no mesmo momento há uma explosão da juventude, marcada por todos os sentidos. Assim, os jovens lutavam por sua liberdade, queriam mudança de comportamento, bem como se opunham a sociedade.

Os jovens passaram a ver a moda, por meio da mídia, que expandia uma forma de expressar seus próprios desejos. A expressão mais marcante desse fenômeno é o advento do “jeans”, que acabou por tornar-se símbolo de conforto. (SILVA, 2006, p.95).

Segundo Silva (2006), os uniformes desta época passaram a ser controlados minuciosamente pelo Estado no ano de 1968:

Em relação à exigência quanto ao uso dos uniformes na escola, através do **Regimento Interno dos Estabelecimentos Oficiais de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo (Decreto nº 45.159-A** – de 19 de agosto de 1965), de 1965, foi possível identificar que a mesma era incumbência do inspetor de alunos. Era incumbência do diretor “deliberar sobre o tipo de uniforme a ser adotado pelos alunos dos cursos pré-primário, secundário e normal, ouvindo o conselho de professores. (SILVA, 2006, p.90).

Com isso, houve uma transformação na moda, passou-se a ter diversas propostas, não apenas uma única. Essas propostas estavam ligadas diretamente ao comportamento. Segundo Lonza (2005), os anos 1960 também marcaram a mudança mais radical que aconteceu com os uniformes, por causa do aparecimento dos tecidos feitos com helanca, muito mais práticos do que aqueles utilizados até então; pois possuíam “alta resistência, não precisavam ser passados a ferro, não se deformavam com o uso, secavam muito rápido e não encolhiam, além de oferecerem muitas cores [...]”. Para as autoras Schemes e Thor (2007), foi a partir dos anos da década de 1960 que os uniformes começaram a apresentar um aspecto menos formal. Nos anos 1980, as roupas passaram a transmitir alegria, versatilidade, com tendências esportivas, sendo ao mesmo tempo, ousadas, sofisticadas e sensuais.

Contudo, somente nos anos de 1970 e 1980, que os uniformes escolares começaram a variar suas modelagens mais ao gosto dos alunos. Segundo Schemes e Thor (2007), os uniformes eram mais confortáveis, coloridos e afinados com a moda vigente, como os *trainings* dos anos 1980. Eram agasalhos utilizados não só para a prática de esportes, mas também para o cotidiano e ainda passaram a ser opção para as escolas. Em relação aos calçados, os tênis eram substitutos dos sapatos. A moda começa a ser unissex nas escolas neste momento.

De acordo com Marcon (2012), é neste período que começa de maneira pequena, porém, sempre presente, a inserção da camiseta de algodão nas imagens da vestimenta dos

alunos dos colégios brasileiros. Desde o seu surgimento, nunca mais saiu de cena, tornando-se cada dia mais uma peça essencial.

Nesse período também, a Fundação Evangélica começou a permitir o jeans como uniforme, sendo diferenciado apenas por usarem um jaleco curto, tendo o logotipo da instituição. Vale ressaltar, que para a década do corpo saudável, foi acrescentado aos uniformes moletons pretos, com detalhes amarelos e brancos constando o logotipo da escola.

Em 1990, podemos notar que é mais frequente encontrarmos jovens usando uniforme fora da escola, porque as peças sofreram algumas variações, tornando o uniforme uma peça do seu cotidiano. Os materiais utilizados para a confecção então, eram relacionados com a moda atual e passaram a contribuir para que os alunos se sentissem mais a vontade ao usar o uniforme. E as instituições se tornaram livres para ditar as regras do que era permitido ou não.

Fica claro que a história dos uniformes acompanhou a moda e as políticas públicas da educação, por isso revelaram-se sintonizadas com as tendências de roupas para crianças e jovens de cada época. No próximo item, focalizaremos os papéis desempenhados pelos uniformes na memória e história escolar.

3. UNIFORME, IMAGENS E MEMÓRIA

Abordar os uniformes escolares da Escola Municipal Santos Dumont (PR) por meio de imagens significa reconhecer os papéis das indumentárias escolares na memória dos alunos e das alunas. De acordo com Stallybrass (2008), as roupas recebem a marca humana, sendo algo particular. Todavia, ao pensarmos sobre as roupas, significa pensar sobre memória, como também sobre posse e poder. Como expressa Stallybrass (2008), as roupas agora vestem seus próprios “eus”; pois é uma maneira de divulgar o que eram, o que viveram.

“[...] eu quero tentar prestar atenção às diferentes formas pelas quais as roupas fazem parte de nossa vida e marcam as rupturas que nela ocorrem.” (STALLYBRASS, 2008, p.20). Nesse trecho o autor nos indica que as roupas são peças do nosso cotidiano e que as mesmas, acompanham os desfechos que ocorrem em nossas vidas.

As roupas podem realizar conexões na ausência, como de amor e de morte; pois é capaz de carregar consigo a memória, o valor material, até mesmo o corpo ausente. Assim, Stallybrass (2008), afirma que as roupas são, pois, uma forma de memória, mas elas são também pontos sobre os quais nos apoiamos para nos distanciar de um presente insuportável: o presente da infância, por exemplo, quando somos protegidos pelos nossos pais.

É importante destacarmos, ainda, sobre o poder exercido pelos uniformes na vida das crianças, principalmente das meninas. “A história da infância, como das etapas na vida, é acompanhada pela mudança no guarda-roupa de meninos e de meninas.” (MORGADO, 2013, p. 12). O Brasil mudava lentamente a partir do século XX e a condições das mulheres mais ainda. Logo, quando nascia um bebê do sexo feminino, as famílias começavam com as preocupações; pois elas já tinham um destino socialmente traçado. Deveriam ter um enxoval e um dote, para isso, nos primeiros anos de vida, elas eram ensinadas sobre os segredos dos bordados, da costura, da confecção das rendas, com isso iam constituindo seu enxoval.

Para as meninas que nasciam pobres, a partir dos quatro ou cinco anos deveriam auxiliar nas lides domésticas, no cuidado com as crianças e com os animais, como em outros afazeres. Contudo, ao entrar em cena a nova noção de infância, o lugar social dessas meninas começa a ser questionado. Como destaca Arend (2012), as pessoas entre zero e dezoito anos passaram a ser considerados seres em formação, tanto do ponto de vista corporal quanto psicológico. Pois, a infância deve ser um momento primordial para os processos de socialização para o ingresso da vida adulta, algo que era banalizado antes, como também sobre o aspecto escolar.

“As roupas, neste período, também contribuía para diferenciar com maior clareza as idades da vida.” (AREND, 2012, p. 71) Pois, no século XIX, os bebês eram enfaixados, aos dois ou três anos de idade usavam vestidos e após os seis anos trajavam roupas semelhantes às dos adultos.

O ingresso das crianças na escola fez com que usassem roupas que facilitem os movimentos do corpo, destaca Arend:

[...] para os meninos, os calções curtos, camisas, jaquetas, coletes, bonés, meias e sapatos, e, para as meninas, os vestidos e saias de armação, blusas mais folgadas e cabelos presos com fitas. Usar calças compridas, no caso dos garotos, e vestidos semelhante aos das mulheres adultas, no caso das garotas, informava que eles e elas haviam ingressado “idade da vida”, a mocidade. O padrão de vestimenta que associava a aparência às idades da vida seria paulatinamente difundido também entre as famílias pobres. (AREND, 2012, p.71).

Em relação à escolarização em grande escala, as meninas estão envolvidas nesse fenômeno socioeconômico. Arend (2012) aborda que foi a partir dessa época que as filhas das famílias das elites e dos setores médios passaram a frequentar o curso primário, o ginásio e, eventualmente, o secundário nas escolas confessionais católicas femininas e de outras congregações religiosas presentes nas capitais dos estados da federação. No entanto, as meninas que os pais não conseguiam arcar com os custos de uma escola privada, tinham que dividir os bancos das escolas públicas com seus irmãos.

Sendo assim, eram poucos que seguiam com os estudos e, os que davam continuidade, optavam pelas carreiras de Enfermagem e Magistério, sendo consideradas profissões femininas, nas aulas:

A rígida disciplina em relação ao corpo, o uso dos uniformes impecáveis, os castigos, as orações, as lições de canto e solfejo, as posturas vigiadas nas aulas de Educação Física e no refeitório, entre outras práticas, caracterizavam o cotidiano escolar desses estudantes. (AREND, 2012, p.72)

Assim, a história da educação pode ser expressa por meio das imagens dos uniformes, que são documentos que concretizam as vivências escolares, ou seja, memória da cultura escolar, sendo necessária a compreensão dessas imagens para sua construção.

Memória é concebida como um conjunto de documentos realizados e legados intencionalmente, que em alguns casos, não por parte da sociedade, demonstram seus costumes, sua existência, sua história, sua concepção coletiva de mundo. Segundo Le Goff (2003), torna-se visível a influência das camadas dominantes no processo de produção desses documentos, uma vez que, a construção de sua memória está diretamente ligada à classe social que dominava.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 2003, p. 469).

Le Goff (2003), a memória coletiva deve ser utilizada como “libertação e não para a servidão dos homens”. Assim, a memória possui um caráter conservador de informações, sendo usados para resgatar o passado. E para que isso ocorra, uma das maneiras é por meio das fotografias.

A intenção da criação da fotografia era a preservação da memória, tanto pela necessidade da conservação individual da imagem real, levando em considerações aspectos, tempos e espaços, quanto pelo fato de que a fotografia simbolizaria a busca do homem pela materialização destas imagens. (CORREIA, 2005, p.53).

Segundo Kossoy (2001), toda fotografia tem por trás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado é refletir sobre a trajetória por ela percorrida e situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Com isso, a fotografia revoluciona a memória, pois dá precisão e fornece uma verdade nunca antes observada, possibilitando, assim, guardar a memória do tempo, como também da evolução cronológica.

O uso de fotografias nas pesquisas em educação, em específico, nos trabalhos de memória educacional brasileira conta com estudos interessantes que demonstram os uniformes que eram usados com honra, este é o caso do estudo desenvolvido por Perosa. Assim, torna-se necessário voltarmos à escola confessional como um exemplo de memória. As famílias controlavam a convivência de suas crianças com outras redes, em um período que estava caracterizado pela expansão do sistema público de ensino e correndo transformações em sua clientela. Assim, matricular as meninas no ensino católico renomado tinha a representatividade de agregação e segregação social, pois essas meninas ficavam distantes dos grupos populares e conseqüentemente faziam relações com as famílias conhecidas.

Por meio das experiências vivenciadas no interior desta escola, a maioria educativa, os jovens e crianças aprendiam a reconhecer que todos são iguais. Foi com a chegada das congregações religiosas no Brasil no início do século XX, que se intensificou o resultado da institucionalização da escola republicana na Europa e os fechamentos das escolas confessionais em vários países europeus ocidentais.

De acordo com Perosa (2006), em 1907, o colégio Des Oiseaux iniciou suas atividades com o jardim de infância misto, primário e ginásial feminino, em regime de internato, sendo a preferência dos fazendeiros e também daqueles que estavam se estabelecendo na capital. Ainda lançaram o regime de semi-internato para atender a clientela urbana.

Por meio da extensão dos jardins, que permitia a entrada de automóveis que transportava as alunas, no qual transformava as saídas do colégio em um espetáculo. Perosa (2006) descreve o relato de uma ex-aluna que dizia que as saídas do colégio eram famosas.

“Nessas ocasiões, as meninas posicionadas na escadaria da entrada principal pareciam constituir um mundo à parte com seus uniformes, o luxo dos automóveis e seus *chauffeurs*” (PEROSA, 2006, p.11). Em meados de 1930, o Brasil possuía o hábito das religiosas belgas que era o mesmo das francesas. Mais tarde, o uniforme das alunas também se tornou semelhante ao do colégio francês. O colégio tinha uma dimensão socializadora em relação às solenidades escolares, tanto no momento das refeições como no emprego dos uniformes. Outra dimensão era saber vestir-se e controlar a exposição do corpo. “Ao observar as práticas de gestão dos uniformes escolares, nota-se que vestindo-se as meninas expressavam sua

posição social, tornava-se pouco a pouco conscientes dela e construía progressivamente uma imagem sobre si mesmas.” (PEROSA, 2006, p.19). Assim, a experiência educativa acabava reforçando o papel feminino em relação à composição do seu grupo social.

Perosa (2006) faz uma comparação das fotografias com os depoimentos das ex-alunas deste Colégio sobre os uniformes. “Era tudo muito solene, filas por tamanho, as meninas não podiam sair sem luvas diariamente até 1953, 1954” (PEROSA, 2006, p.20)

Perosa (2006) afirma sobre o uniforme:

O uniforme do Des Oiseaux era um cartão de visitas, eu gostava de vesti-lo, tinha orgulho de ser amarela, azul’, informou uma ex aluna, fazendo referência às fitas de cetim que sinalizavam a progressão na seriação escolar. Parte do brilho dos rituais religiosos e das cerimônias escolares nessa escola dependiam do cuidado com os uniformes (PEROSA, 2006, p20).

Assim, nas entradas e saídas das meninas no colégio, elas usavam luvas e chapéu, na escadaria transmitindo a imagem de luxo e distinção. Suas saias eram plissadas, acompanhadas de meias três quartos, sendo uma honra usá-las; pois as pernas estavam relacionadas à sensualidade feminina.

No entanto, em várias outras escolas privadas, os uniformes tinham o papel de produzir a homogeneidade entre os alunos, escondendo as preferências pessoais e o grupo a que pertenciam. Contudo, nas escolas femininas tinham preocupação com o cuidado, o rigor e a obsessão com os uniformes, fazendo com que as meninas se preocupassem com a aparência exterior de seus corpos. E era por meio da exposição das alunas em solenidades escolares, que os uniformes desempenhavam um papel importante para experiência feminina do corpo.

Com isso, para essas meninas portar-se com o uniforme era sinônimo de aprovação social e de socialização com o corpo. Eles aprovavam o corpo ideal, ou seja, o legítimo a ser apresentado. “Esse encontro entre o corpo real e o corpo socialmente legítimo produz uma segurança em si e a certeza de poder controlar as normas de percepção e apreciação dos outros sobre o próprio corpo”. (PEROSA, 2006, p22).

Diante disso, vimos que os uniformes nas vivências escolares produzem memórias importantes, como honra em poder usar uma vestimenta tão admirável perante a sociedade.

No próximo capítulo iremos abordar sobre a cultura escolar, os dados coletados juntamente com sua análise.

4. AS ROUPAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Assim, ao estudarmos as imagens, esses textos visuais, são resultados de um jogo de expressão, como também de conteúdo envolvendo três componentes segundo Mauad (2012). São eles: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Sendo que cada um deles contribuem para o resultado final. Entretanto, ao estudá-las não recuperamos somente elas, mas também os espaços de vivência, memórias e representações, que estão paralelamente contidos.

Todavia, para realizar a análise, necessitamos narrar o processo de levantamento e seleção das imagens trazidas para o trabalho. O levantamento das fotografias dos escolares com os uniformes foi permeado por várias dificuldades. A maioria das pessoas não tirava fotos, por causa das condições financeiras e quando tiravam eram aquelas fotos posadas, mas não as utilizamos nesta pesquisa.

Apuramos, mediante conversas, que existiam fotografias antigas com crianças de uniforme, o qual foi o nosso foco de estudo. Assim, a pessoa já havia estudado nesta instituição, e que há tempo, ao realizar um estágio na mesma, teve contato com elas, nos indicando para esse acervo, no qual descartamos as fotografias que eram mais comuns das outras pessoas. Assim, realizamos a coleta dessas imagens juntamente com a diretora atual da Escola Municipal Santos Dumont (PR), Cleurides Pereira Dias, a qual nos cedeu prontamente essas fotografias que estavam arquivadas no acervo da escola. A escolha dessa instituição foi muito interessante, pois pudemos saber um pouco mais sobre sua história, porque quando pegamos as fotografias, a diretora nos relatou cada momento, os nomes das pessoas, as situações que ali estavam retratadas, suas lembranças, uniformes.

O foco do nosso estudo é analisar por meio das imagens, as vivências, os costumes, as vestimentas utilizadas e o que as mesmas representam para aquele momento, realizando um estudo bibliográfico da história dos uniformes.

A Escola Municipal Santos Dumont (PR), ao contrário de outras escolas, possui arquivadas fotografias de grande relevância para a história, que retratam várias vivências dos/as alunos/as e dos profissionais da educação, desde sua existência enquanto escola. Torna-se importante o levantamento e o conhecimento dessas fotografias, visto que elas narram o cotidiano escolar e os momentos mais importantes que tiveram por palco os ambientes da instituição, como por exemplo, as festividades, os encontros e as experiências entre corpo docente e discente. O uso dos uniformes e o uso de outras espécies de roupas transformavam-se, assim, em significativas das apropriações pelos/as alunas.

Logo, as imagens cedidas totalizaram quarenta e cinco fotografias, na qual selecionamos trinta e uma que estavam de acordo com o foco do estudo: as roupas da escola que são os uniformes de maneira a narrar à história da Escola Municipal Santos Dumont (PR). Dessas fotos duas são originais, ou seja, conseguimos ter nas mãos as versões das imagens, como guardadas pelos/as ex-estudantes, sete que foram disponibilizadas por meio de e-mail, ou seja, digitalizadas, e vinte e dois em xerox, trata-se de fotos de ex-alunos que cederam para escola para a realização de um trabalho feito pela instituição, formando um acervo fotográfico.

Do total de imagens levantados na pesquisa, quatro satisfaziam os critérios estabelecidos na pesquisa, pois apresentavam crianças vestidas com os uniformes. Nas outras imagens as roupas são de outro estilo, como por exemplo, aquelas confeccionadas para serem usadas nos desfiles. A estas, somam-se outros tipos de fotografias, de crianças na escola, como por exemplo, no pátio da escola e sem uniformes.

Na soma das imagens, consideramos que todas ofereciam pistas sobre o cotidiano escolar e, que a presença dos uniformes e de outros tipos e estilos indumentários eram importantes para entender as práticas do vestir na escola.

Assim, selecionamos essas fotografias pelo tema, no qual cada um tinha uma numeração, após colocamos em cada tema outra subnumeração em ordem crescente. Essa organização nos ajudou posteriormente para análise dos dados.

As presentes fotografias da Escola Municipal Santos Dumont (PR) não possuem referência de data, assim sendo, tentamos defini-las por meio da observação de possíveis características que nos deram pistas para determinar qual vivência escolar que foi produzida.

Assim, as crianças, como podemos observar por meio das imagens, usavam uniformes, sendo que os meninos trajavam shorts e camiseta, e as meninas usavam vestidos. Os professores, por sua vez, se exibiam com calça e camisa e as mulheres com vestido e jaleco. Em datas festivas da cidade, a escola tinha todo o aparato de confeccionar roupas especialmente para esta data, vemos crianças vestidas de saia de pregas, meninos com calças e camisas, representando a pátria nas ruas. Contudo, é relevante destacar que, em alguns momentos dentro da própria instituição não se usava o uniforme, principalmente em festas internas, talvez por ser uma ocasião de descontração. Com isso, é preservada pela escola, a memória visual dos uniformes, que estão em seu acervo, como nas gavetas e armários dos ex-alunos que lembram o passado escolar.

A coleção de fotografias com as quais trabalhamos são pertencentes ao acervo da Escola Municipal Santos Dumont (PR), assim, de acordo com Mauad (2012), uma forma de organização é feita por meio de tabelas que demonstram os dados estudados. Pelas fotografias, conseguimos observar como leitores, as seguintes figuras retratadas por gênero, sendo que dividimos em meninos, meninas, mistas, homens e mulheres, por tratar-se de imagens escolares, que na maioria das vezes encontram-se todas no mesmo âmbito. Vejamos os resultados:

1-FIGURAS RETRATADAS POR GÊNERO	NÚMERO DE FOTOS
4. Meninos	2
5. Meninas	6
6. Mistas	18
7. Homens	10
8. Mulheres	15

(Tabela 1: Figuras retratadas)

Considerando os estudos, vimos que a imagem deve fornecer significados a quem olha, compreendendo suas regras culturais e não sendo limitada somente a uma pessoa, mas sendo coletiva. De acordo com Mauad (2012) a compreensão de imagens pelo leitor, dá-se em dois níveis, a saber:

Nível interno à superfície do texto visual, originado na apreensão visual estruturantes que constituem tal texto, de caráter não verbal; e Nível externo à superfície do texto visual, originado no processo de aproximações e inferências. Neste nível pode-se descobrir temas conhecidos e inferir informações implícitas. (MAUAD, 2012, p.49).

Por todos esses aspectos, é importante a compreensão de que os textos verbais são um ato conceitual, ou seja, correspondem ao processo de conhecimento. E em relação ao ato fundado em um modelo, que pressupõe a aplicação de regras culturalmente aceitas na dinâmica social. Dessa forma, é primordial a percepção e a interpretação para a educação do olhar. Nesse sentido, buscamos olhar com cautela para o nosso foco de estudo - os uniformes - e conseguimos observar e classificar as imagens, conforme os atributos das pessoas e as indumentárias. Sendo assim divididas: crianças que usavam os uniformes e os que não trajavam essa vestimenta, como também outro aspecto escolar, roupas de datas festivas. Em referência a isso, podemos notar que as fotografias nas quais as crianças estão usando uniforme escolar não são de difícil acesso, porém nesse acervo localizamos várias imagens que representam roupas festivas, por serem as fotografias mais comuns encontradas nas escolas, que relembram as vivências escolares. No que diz respeito a atributos das roupas, monta-se a seguinte tabela:

2 - ATRIBUTOS DAS ROUPAS	NÚMERO DE FOTOS
2.1.1-Uniforme	4
2.1.2- Sem uniforme	7
2.1.3-Roupas de datas festivas	11

(Tabela 2: Atributos das pessoas)

Logo, para autora Mauad (2012), existem regras de leitura dos textos visuais que são compartilhadas pela comunidade de leitores. As regras não ocorrem espontaneamente, são resultados de uma disputa pelo significado mais adequado às representações culturais. Assim, a imagem deve ser concebida como uma mensagem que se organiza por intermédio de dois segmentos: expressão e conteúdo. Tal que o primeiro envolve as escolhas técnicas e estéticas. Já o conteúdo é tudo que envolve objetos, conjunto de pessoas, lugares e vivências que compõem a imagem. Ambos devem ser processos contínuos da produção do sentido da imagem, podendo posteriormente ser separados em um momento de análise, mas que somente será compreendido de maneira integrada. Assim, ao analisarmos as imagens, conseguimos

classificá-las em temas, tais que foram identificados de forma integrada, na qual levamos em consideração, como já foi dito, as vivências, os lugares que as pessoas estão inseridas, o conjunto que elas representam, sendo fácil de identificar cada imagem por suas características. Vejamos o quadro sobre os temas:

3- TEMAS	NÚMERO DE FOTOS
3.1 – Desfile	5
3.2 – Festas escolares	8
3.3 – Fotos de turma	12
3.4 – Foto posada	1
3.5 – Professores	4

(Tabela 3: Temas)

Nota-se nessa tabela que há um número elevado de fotografias de turma, algo que pode ser considerado característico dessa escola, em contrapartida localizou-se somente uma imagem posada, por ser uma lembrança individualizada de cada aluno.

Para entendermos melhor, a imagem é composta também por outros tipos de textos, de caráter verbal e não verbal, contextualizando uma determinada época. Assim, para Mauad (2012) as imagens:

Tal idéia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. (MAUAD, 2012, p.50)

A imagem pode ser usada como fonte histórica, ultrapassando seu aspecto ilustrativo. Ela como ponto de vista temporal comporta a presentificação do passado, sendo uma

mensagem que é processada pelo tempo. Para Mauad (2012), as imagens “[...] como uma fonte histórica que demanda um novo tipo de crítica, uma nova postura teórica de caráter transdisciplinar, algumas pistas para responder tal questão já foram dadas.” (MAUAD, 2012, p.51).

Assim, as imagens são históricas, dependendo das variáveis técnicas e estéticas do seu contexto histórico, produzindo as diferentes visões de mundo concorrendo com as relações sociais. Na superfície sensível das imagens há uma marca indefectível do passado que as produziu e consumiu. “Um dia já foram memória presente, próxima àquelas que possuíam, as guardam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos.” (MAUAD, 2012, p. 51).

Ao estudarmos as imagens entramos em contato com o presente/passado investindo no seu significado. Para Mauad (2012), a competência daquele que analisa imagens do passado. Assim, a imagem não fala por si só; tornando-se necessário que as perguntas sejam feitas.

Mauad (2012) ressalta que a imagem é concebida como uma mensagem composta por signos não verbais, sendo a combinação de um plano de expressão e um plano do conteúdo. Ou seja, o historiador faz uma análise que o remete à dimensão social da prática.

Ao usar imagens em uma pesquisa, contribui para fazermos representações da classe dominante e de novos comportamentos. Assim, a imagem se torna um meio eficiente para controlar os comportamentos e representações de um determinado grupo.

Outro fator relevante que merece destaque ao analisarmos as imagens são os formatos das delas. Nesse aspecto, ao analisamos as fotografias, subdividimos em crianças de corpo inteiro e de meio corpo, de acordo com o modo como estavam dispostas nas imagens; e as fotos em preto e branco e; colorida, outra característica importante ao estudar as fotografias, pois demonstra se a imagem é atual ou antiga. Vejamos os resultados obtidos:

4 – FORMATOS DAS IMAGENS	NÚMERO DE FOTOS
4.1 – Crianças	27
4.1.1 – Corpo inteiro	29
4.1.2– Meio corpo	2
4.2 – Fotos	
4.2.1 – Fotos em preto e branco	26

4.2.2 – Colorida	5
------------------	---

(Tabela 4: Formatos das imagens)

Dessa forma, é relevante estudarmos as imagens, por exemplo, fotografias de familiares. Por meio delas, podemos observar que há uma preservação da memória daquele tempo, materializando o que já se foi, preservando o olhar, o sorriso, o amor, a lembrança e por fim uma história vivida de fato. Todavia, permitindo que o sujeito de hoje seja o autor de sua própria biografia familiar e individual.

Segundo Mauad (2012), tais imagens cumprem sua tarefa, pois ao invadirem o espaço da cidade, acostumam a população à fotografia, seduzindo com sua mensagem. Enquanto que, para um membro da família, o ato de fotografar está vinculado à captação das imagens, dos momentos vividos, já para as revistas seria para uma representação mais natural para serem assimiladas pelo público.

Ao vislumbrar as imagens da Escola Municipal Santos Dumont (PR), selecionadas para essa Monografia, percebe-se que a prática dos professores e alunos foram retratadas e estiveram presentes nessa instituição. Algo característico e comum nas instituições escolares, eternizar seus momentos por meio de imagens para representar sua história.

Sendo assim, o estudo das imagens é importante para história escolar, não importando a maneira que é guardada, mas sim o seu valor existencial. “Além das diferenças entre fotografias originais e impressas, deve-se levar em conta, também, a intencionalidade por trás das imagens.” (MARTIARENA E OLIVEIRA, 2011, p.6) As fotografias da Escola Municipal Santos Dumont (PR) são caracterizadas por um grupo de imagens institucionais, tendo um grande vínculo com aqueles que as geraram e participaram daqueles momentos. Pode-se analisar que há um motivo para sua produção, as quais representam vivências importantes para a instituição, pelo fato de estarem guardadas até hoje, em seu acervo.

Nesse aspecto, consideramos as fotografias em que as crianças posavam para marcar a passagem delas pelas escolas significativas do projeto de vida. Nota-se que escolhemos somente uma foto para nossa análise, sendo que já se enquadrava em nossas discussões. As demais fotos estão localizadas nos outros grupos, que serão apresentadas posteriormente.

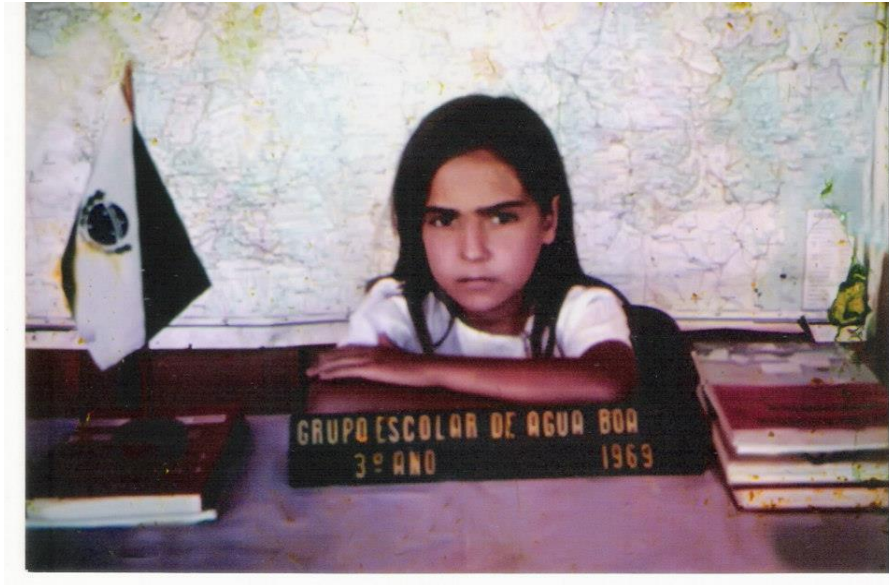


Figura 1: Foto tradicional escolar posada.

Nesta imagem (Figura 1), observamos que a aluna está sentada com os braços cruzados sobre a mesa, onde estão localizados cinco livros, uma pequena bandeira do Estado do Paraná e a plaquinha que traz as informações da escola a qual a aluna pertence - nesta época era chamada de “grupo escolar” - o ano em que foi tirada a fotografia e sua série. Como plano de fundo é usado o mapa, talvez seja do Brasil, um dos mais comuns nesse tipo de fotografia.

Ao fazermos uma retrospectiva sobre esse modelo de foto, podemos analisar que as pessoas que nasceram nas primeiras décadas do século XX não tinham o costume de pronunciar a palavra fotografia, pois utilizava no lugar dela a palavra “instantâneo”, sendo algo considerado adequado, levando em conta a raridade com que ocorriam esses episódios. Naquela época era necessária uma documentação iconográfica, ou seja, algo parecido com o aparato técnico de hoje. Assim, além dos custos financeiros para tal retrato, acontecia todo um ritual para este momento, que é preservado até hoje pelos seus familiares, mas que nem sempre é lembrado de forma satisfatória, por serem fotografias planejadas. Por conta disso, vale ressaltar até que ponto esse tipo de fotografia é espontânea? Por se tratar de algo que tenta transmitir um modelo, um valor, uma ideia, que representa um episódio educativo no espaço da instituição realizada.

Tal imagem, preservada pelas famílias, traz um retrato tendo uma criança, sendo raro ser um adolescente ou adulto, como figura central, no qual está sentado frente a uma mesa, e

sobre ela, há um globo terrestre e vários livros. No cenário é propício encontrarmos um mapa e/ou uma bandeira. Podendo ter variações de alguns artefatos, mas, na maioria das vezes, são iguais, independentemente da década ou da região.

Dessa maneira, é fácil encontrarmos pessoas que possuem essas fotografias, basta perguntar se têm em seus guardados algum tipo de foto do tempo de escola. Essa pergunta é respondida com outra: uma foto com globo e mapa? A resposta, geralmente, é essa. Não sendo necessárias outras explicações. Assim, é relevante trazermos um relato de uma pessoa sobre essa importante lembrança:

[...] fui chamado na diretoria, logo pensei: pronto, me pegaram colando na recuperação de matemática – porque dez mesmo, só em educação física – mas era pra tirar uma foto, prática que cabia a todos os alunos que iam embora da escola. Ficaria uma foto pra escola e outra comigo, e essa guardo até hoje, eu em uma mesa, uma caneta na Mão e um caderno, com um globo por sobre a mesa e ao fundo, livros. Essa é minha recordação de minha primeira escola. (FISCHER, 2012, p.68).

Em relação ao suporte material, quase todas estavam sobrepostas em uma cartolina branca, com dimensões em média de 0,18 x 0,25. E na parte superior geralmente constava impresso “Recordação Escolar” ou “Lembrança Escolar”. Nos anos cinquenta constava também o brasão nacional, mas o nome da escola era raramente encontrado nas fotografias.

Já em relação ao cenário, queriam demonstrar um arranjo momentâneo, na busca de enquadrar coisas da escola, como já foi dito, mapa, livros, bandeira.

Nos anos 70 essas fotografias eram feitas para que os alunos levassem para casa uma lembrança da escola na qual estudavam. Era o período da ditadura militar e os símbolos nacionais (bandeira, hino) e aqueles que representassem as instituições financiadas pelo Estado, como a escola pública, eram muito valorizados, pois reafirmavam a tradição. Essas fotos fazem parte do nosso imaginário. (Verardo, 2010).

Assim, ao buscarmos o contexto em que foi produzida essa fotografia, temos o direcionamento em 1978. Magro e Zanin (2009), relata que foi o período marcado pelo fim da ditadura militar e início do processo de redemocratização do Brasil com o fim do AI-5, compreendendo aí a presença da bandeira no cenário da fotografia. Dessa maneira, a lembrança escolar apresentada, representa uma conjunção com a pátria e o saber.

Com tudo, ao analisarmos as fotografias historicamente, devemos levar em consideração as dimensões espaciais, ou seja, o espaço fotográfico, os objetos, os lugares e suas vivências, que fundamentam a maneira de ver e ser visto.



Figura 2: Crianças no pátio

Na imagem acima (Figura 2), vemos um grupo de alunos, que estudam na Escola Municipal Santos Dumont, fundada no ano de 1971. Na imagem, temos oito meninas e três meninos, por meio dela podemos notar que são de idades diferentes e que estão em um momento de festa realizado pela escola, pois estão sentados ao redor do pátio e não usam uniformes. Como esta imagem pertence do acervo da própria escola, não foi possível encontrar a referência da data, mas pelos aspectos físicos e de vestimentas a classificamos

somente por “Crianças no pátio”, como está na legenda.

Assim, essas festas são consideradas, de acordo com Igayara-Souza (2012, p.95) “um lugar de encontro, traz os familiares para dentro da escola ou a escola para outros espaços da cidade, tornando visível o trabalho educativo e oferecendo uma representação de ordem, alegria, produtividade”.



Figura 3: Crianças na quadra

A imagem (Figura 3), também pertencente ao acervo Escola Municipal Santos Dumont (PR), retrata um momento parecido com da imagem anterior, os alunos estão na quadra, a imagem trás meninos e meninas em momento de interação. É relevante observarmos que ambos não usam uniformes, utilizam roupas da sua vida cotidiana. Como: calça jeans,

shorts, camisetas de diversas cores e estampadas, e algumas meninas usam vestidos que aparentam ser de festa.

Podemos observar nessas duas imagens, que as crianças estão em seus lugares prediletos do âmbito escolar, que retratam bem como é o cotidiano, em ambas eles estão se alimentando, representando um momento de festa da instituição. Vejamos algumas imagens selecionadas de cada temática, como havíamos citado acima:

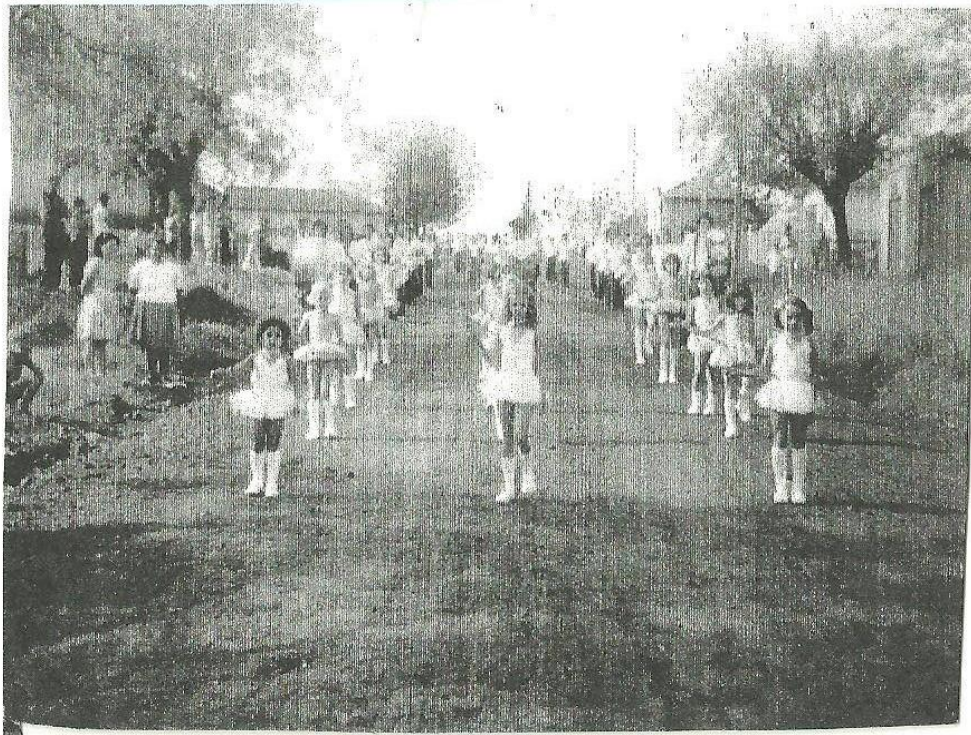


Figura 4: Desfile da cidade

Essa imagem (Figura 4) representa um desfile realizado no distrito de Água Boa, onde está localizada a Escola Municipal Santos Dumont (PR), homenageando o aniversário do município de Paiçandu. Podemos observar meninas em três filas vestidas com uma roupa no

estilo de bailarinas, usando meias e sapatos. Nota-se que os adultos estão nas laterais para prestigiar e logo atrás estão vindo os meninos de calças e camisas brancas, talvez com algum instrumento musical em suas mãos. Esse tipo de fotografia é umas das mais comuns arquivadas pelas escolas, pois representa uma ocasião de festividade do município. Por isso, denominamos sua legenda por “Desfile da cidade”.

As festas escolares são características de representações de momentos cívicos desde os anos de 1940, pois envolve professores e alunos, sendo importante para a nação. “Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais” (RENK, 2012, p.161).

Esses momentos tornam-se solenes por carregar representação de datas cívicas e patrióticas, além de ter um caráter simbólico e aspecto de memória, que jamais serão esquecidas. “As cívicas são inseridas no calendário escolar, representando eventos e autores da história oficial, tendo sido criadas para serem festejadas e fixadas na memória coletiva.” (RENK, 2012, p.161).

O tempo escolar é considerado um tempo cultural e institucional. É um tempo de cultura por construir o social das crianças, por meio das experiências e vivências. Com isso, o início e fim do calendário escolar ocasionam atividades a serem celebradas no decorrer desse percurso.

Em relação ao espaço sociocultural, a escola reúne diversas práticas sociais, tais como desfiles cívicos, festas internas ou o ensinamento dos hinos, no quais ocasionam emoções em seus alunos que ficaram para o resto de sua vida. Então, todas essas práticas são consideradas significativas, que contribuem para a construção de um próprio mundo social.

Todas as atividades de civismo e patriotismo estão presentes em nossas escolas desde 1917, onde as autoridades estimularam as mesmas, incorporando-as no calendário escolar, como as comemorações de datas cívicas e patrióticas.

Eram nos desfiles que as ruas centrais tornavam-se uma passarela, representando a hierarquia social. “Disciplina, ordem e hierarquia são recursos do discurso educativo que possibilitam a ênfase na preparação do patriota, no planejamento escolar.” (RENK, 2012, p.163).

As lembranças desses alunos que vivenciaram e estudaram em escolas étnicas, esses desfiles eram caracterizados por um momento diferente de sua rotina escolar. “O uniforme de todo dia era o guarda-pó. E pra 7 de Setembro tinha lá no Ivaí, tinha a saia azul e blusa branca e sapato e meia”. (RENK, 2012, p.163). Assim, o uniforme era o símbolo de homogeneização, representava disciplina, ordem, igualdade, no qual eliminava as diferenças

individuais pelas roupas que eram usadas. Podemos analisar que esses desfiles são um momento solene, no qual os alunos saem às ruas e tornam-se o centro das atenções, requerendo dos pequenos muito preparo físico e disciplina para aguentarem várias horas de duração.

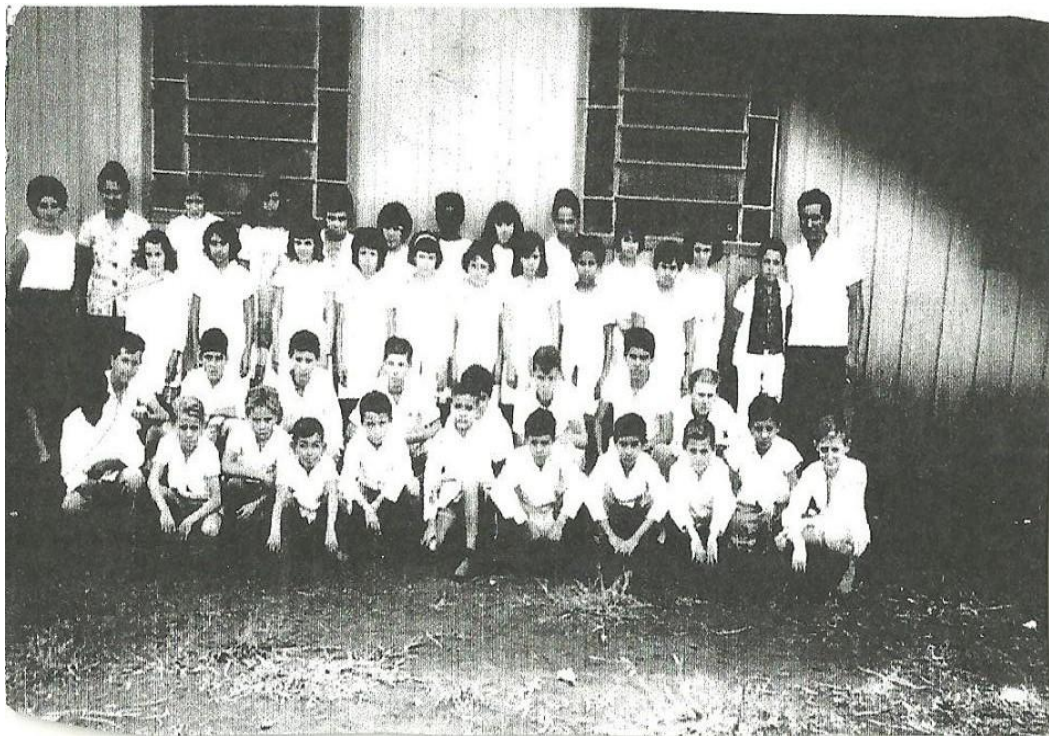


Figura 5: Foto da turma

Podemos observar na imagem acima (Figura 5), uma fotografia de turma, onde os alunos estão usando os uniformes, as meninas usam vestidos de manga branca e os meninos calças e camisa brancas. Essa imagem retrata também os professores, um homem de calça e camisa branca e uma mulher trajando uma saia preta com uma blusinha branca e a outra não aparentam estar uniformizada, pois sua blusa possui estampa. Como diz a legenda, esta é uma fotografia de turma, não havendo data, por conta de que não havia registro na mesma.



Figura 6: Festa da escola

A imagem (Figura 6) demonstra uma ocasião de apresentação na escola, a mesma estava sendo realizada na quadra da instituição, na fotografia há um galho de uma árvore no chão que pode representar algo, os meninos estão vestindo roupas confeccionadas para essa exposição, um está usando um chapéu no estilo de pirata, com uns ferros nas mãos. Sete alunos participam dessa apresentação.

Para Abdala (2012) as festas, apresentação e comemorações estão impregnadas no cotidiano, na cultura escolar e na sociedade na qual essa cultura se insere. Assim, esses momentos, desde a preparação até a realização, trabalham os preceitos dos conteúdos e os preceitos morais. Representando o caráter pedagógico e a realização das fotografias, tendo o intuito de preservar essas vivências.

As apresentações e festas escolares podem ser vistas e compreendidas de diferentes ângulos. Num primeiro momento refletem rituais, datas e personagens, na maioria das vezes externas na instituição escolar, mas ao observarmos seu cotidiano, vemos que vai além, pois representam pertencimentos marcantes, sendo importante o reconhecimento dos contextos sócio-histórico em que estão inseridos. Na outra visão, tais momentos representam ritos de passagem, ou seja, a escola possui a tradição de comemorar aniversários, datas históricas e

festivas, festas de encerramento escolar, entre outras.

Ressalta-se que, no Brasil, de acordo com Fernandes (2012) que a instituição de datas comemorativas sempre foi objeto de interesse por parte das elites políticas e intelectuais. Assim, essa tradição remonta ao período imperial de nossa história.

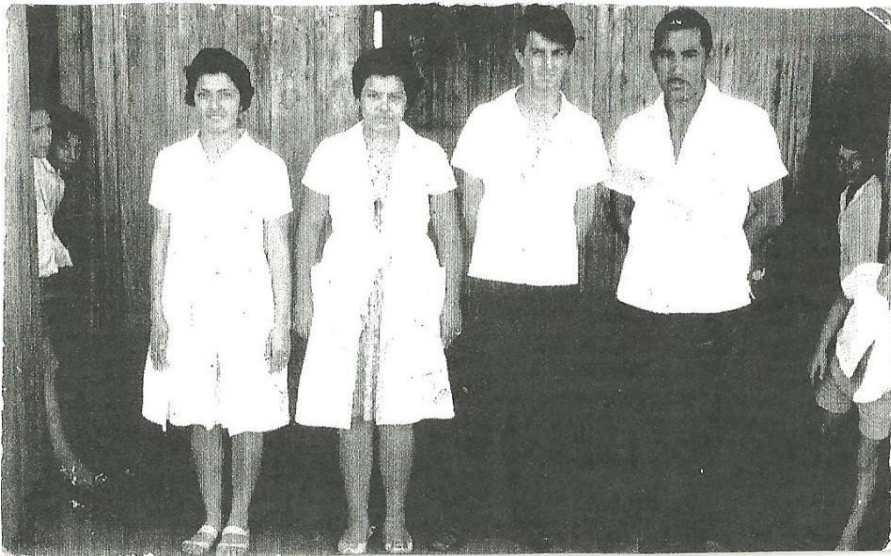


Figura 7: Professores

Podemos observar nessa imagem (Figura 7) quatro professores, sendo duas mulheres e dois homens, trajando seu uniforme cotidiano, as mulheres de vestido e jaleco e os homens de calça preta e camisa branca. Nota-se também que os alunos observam a fotografia, algo comum, por estarem em seu local de trabalho.



Figura 8: Foto da turma

Na imagem acima (Figura 8), podemos notar que é uma fotografia de turma, onde as crianças não estão uniformizadas, alguns meninos vestem calça e camisa, outros shorts e camiseta e as meninas usam vestidos. Vemos onze meninos, dezessete meninas e uma professora, posando para uma fotografia tirada na entrada da escola. Essa imagem não possui data, mas nota-se que é antiga pela infraestrutura da escola. Ressaltamos que nem sempre as crianças usavam uniforme, como é visível nessa foto de turma, por causa do poder econômico para a aquisição dessas vestimentas.

Com isso, vimos que é importante o estudo das imagens, e sua representação por meios de tabelas e posteriormente a exposição das fotografias, contribuindo assim para a cultura escolar e a memória. Vale ressaltar que não são em todas as fotos que as crianças usaram uniformes, já que em outras usaram roupas elaboradas para as datas festivas, nas quais os professores utilizaram o uniforme para representar a disciplina, este foi nosso intuito, demonstrar como os uniformes foram utilizados em diversos momentos da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve por finalidade compreender a história dos uniformes, desde seu início, fazendo um paralelo com as imagens coletadas na Escola Municipal Santos Dumont, no distrito de Paiçandu, Água Boa, Paraná.

Em suma, a história do uniforme nos ajuda a enriquecer o olhar diante das imagens apresentadas, sabendo que as mesmas, além de expressar sua história, envolvem sentimentos e vivências do âmbito escolar. Dessa forma, analisamos na perceptiva do estudo de imagens, assim, pudemos observar que cada uma nos transmitiu momentos diferenciados, e ao considerarmos o acervo de fotografias da Escola Municipal Santos Dumont (PR), houve momentos em que os alunos usavam os uniformes e em outros não.

No entanto, deve se considerar que os momentos do não uso do uniforme eram por conta da falta de renda para obtê-los, pois antigamente os pais eram quem deveriam adquirir os uniformes, os quais eram usados somente no âmbito escolar, mas com o passar do tempo sua obtenção começou ser mais acessível.

Os uniformes eram usados para combater as diferenças sociais existentes nas escolas, pensava-se que se todos usassem a mesma vestimenta, camuflariam a classe pertencente de cada aluno. Contudo, isso nem sempre acontecia, pois existiam escolas em que os mesmos eram confeccionados de acordo com modelos da Europa, esses contribuía para evidenciar o poder aquisitivo daquele determinado aluno.

Por outro lado, um fator importante que estudamos foi a vivência escolar pelas imagens, que eram as festividades que aconteciam com desfiles, apresentações internas. Também vimos vestimentas elaboradas para essas datas, com delicadeza para cada detalhe, sem deixar de lado a normalidade e a seriedade que eram próprias desses momentos.

Assim, a fotografia foi muito utilizada para registrar essas vivências, e até hoje, a mesma contribui para a preservação da memória, algo que pode ser visualizado e contado em qualquer época. Sendo que, a memória é primordial para a história, sem ela não teria como descrevermos o que foi vivido. As imagens usadas nesta pesquisa constituem-se em uma memória fotográfica das vivências escolares, com ênfase para os uniformes utilizados desde 1945, como também as vestimentas empregadas para apresentações, comemorações e desfiles cívicos.

Uma fotografia comum neste período foi a famosa “lembrança escolar”, como foi conhecida; pois naquele tempo realizavam-se registros das vivências. Tendo o papel de

gravar, em alguns casos, a passagem do aluno naquela determinada escola ou série, sendo considerada algo forjado, uma vez que era elaborado um cenário para sua realização, cenário este composto por livros, bandeiras, cuja criança estava sentada no centro, com uma mesa em sua frente, com a plaquinha trazendo as informações de sua instituição escolar e sua série.

Com isso, há vários tipos de imagens, aquelas que são de caráter verbal e não verbal, dependendo do contexto em que estão inseridas. As imagens analisadas nesse texto são não verbais, por conta de ter a necessidade de serem observadas e, após serem analisadas com precisão o que está sendo expresso, em que contexto são inseridas; para que depois possamos escrever algo sobre elas.

Em síntese, o estudo das imagens foi de grande relevância para a realização dessa pesquisa; pois com elas pudemos verificar a história juntamente com o registro de sua memória, ou seja, as fotografias.

REFERÊNCIAS

- ABADALA, Rachel Duarte. Os sentidos e representações da comemoração em álbuns fotográficos comemorativos da escola Caetano de Campos – SP. In: COLUBHE. **Rituais, símbolos e festas escolares**. 2012. p.3-14.
- AREND, Fávero Silvia. Fotografia e as dimensões visuais do privado e do público na trajetória de imigrantes libaneses no Rio de Janeiro (1900-1950). In: GAWRYSZEWSKI, A. (Org). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 65-83.
- BERINO, A. Iconografia Escolar Algumas Imagens Para Conversas Sobre a Juventude. In: GAWRYSZEWSKI, A. (Org). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p.97-105.
- CORREA, Crishna Mirella de Andrade. O olhar fotográfico e o estudo das subjetividades na produção da imagem. In: PELEGRINI, Sandra de Cássia; ZANIRATO, Silvia Helena (Orgs.) **As dimensões da imagem: abordagem teóricas e metodológicas**. Maringá: Eduem, 2005.
- ESCOLA MUNICIPAL SANTOS DUMONT. **Projeto político pedagógico**. Paiçandu, 2014.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. O panteão da pátria na escola: o culto cívico aos heróis nacionais na literatura didática brasileira (1890-1934). In: COLUBHE. **Rituais, símbolos e festas escolares**. 2012. p.53-64.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. Recordação escolar: alunos, livros, mapas e globo – Uma imagem recorrente da cultura escolar (1949-2009). In: COLUBHE. **Rituais, símbolos e festas escolares**. 2012. p.65-76.
- IGAYARA-SOUZA, Susana Cecilia. Para abrilhantar a festa: Música nas comemorações escolares na época do canto orfeônico no Brasil (década de 1930 e 40). In: COLUBHE. **Rituais, símbolos e festas escolares**. 2012. p.93-104.
- KOSSOY, Boris, 1941. **Fotografia e História**/ Boris Kossoy. – 4. Ed. – São Paulo: Ateliê, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et.al.]. – 5 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- MAGRO, Adriana Rosely. ZANIN, Larissa Fabricio. **Contratos na fotografia: a lembrança escolar – Parecer e ser**. Salvador, 2009.
- MARCON, Mônica D' Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: Reflexões no campo de educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)**. Caxias do Sul, 2010.
- MARTIARENA, Angelita Maria. OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena. **Fotografias de Professores: a memória da feminização do magistério em Pelotas, 1920 a 1960**.

Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao13outubro2011/fotoprof.pdf>>
Acesso em: maio.2014.

MAUAD, A. M. Fotografia e as dimensões visuais do privado e do público na trajetória de imigrantes libaneses no Rio de Janeiro (1900-1950). In: GAWRYSZEWSKI, A. (Org). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 45-72.

MORGADO, Débora Pinguello. **Moda, distinção social e gênero: uniformes e práticas de vestir no universo “teen” do colégio Marista (Maringá)**. Maringá, 2013.

PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. **Cadernos Pagu** (26), p.87-111, jan./ jun. 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAIÇANDU. **Etimologia**. Disponível em: <<http://paicandu.pr.gov.br/index.php?sessao=9fc7c0824dnc9f&id=1472>> Acesso em: abril.2014.

RENK, Valquiria Elita. Festas cívicas e religiosas nas escolas étnicas do Paraná, nas primeiras décadas do século XX. In: COLUBHE. **Rituais, símbolos e festas escolares**. 2012. p.157-168.

SCHEMES, Claudia e THON, Ida. **A moda europeia e o uniforme escolar no Brasil**. Disponível em: <<http://modafeeval.files.wordpress.com/2010/09/68730-a-moda-europeia-e-o-uniforme-escolar-no-brasil.pdf>>. Acesso em: mai. 2014.

SILVA, Katiene Nogueira da. **“Criança calçada, criança sadia!”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970)**. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2006.

SIMILI, I. G. et. al. **Educação e Moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial**. 2010. Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao6/arquivos/E2-Ivana-EducacaoeModa.pdf>> Acesso em: mai. 2014.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor** / Peter Stalybrass; tradução de Tomaz Tadeu. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VERALDO, Ivana. **Lembrança escolar**. Disponível em: <angelorigon.com.br/2010/05/18/a-lebranca-escolar/> Acesso em: julho. 2014